

# OS DESLOCADOS DA PÁTRIA EM A COSTA DOS MURMÚRIOS E O VENTO ASSOBIANDO NAS GRUAS, DE LÍDIA JORGE<sup>1</sup>

Adriana Esther Suarez (UNCuyo)<sup>2</sup>

## RESUMO

Este artigo faz uma leitura acerca da situação dos deslocados pelos sistemas hegemônicos em *A costa dos murmúrios* e *O vento assobiando nas gruas* da escritora portuguesa Lídia Jorge. Apesar de se passarem um na África e outro em Portugal, os dois romances apresentam conflitos com deslocamentos de seres que enfrentaram invasões e guerras. Este trabalho foca na colonização de nações africanas, que mobilizou, primeiro, colonos com o propósito de ocupar territórios para sua exploração e, logo, militares e suas famílias para apoiar essa ocupação. Posteriormente, com a declaração da independência dos países africanos, aparecerá um novo tipo de diáspora: a dos emigrantes. Além disso, discute como a colonização das nações africanas, juntamente com o domínio de seus povos e a gestão do que era produzido com as matérias-primas exploradas, não foi suficiente para tornar Portugal um dos países ricos da Europa. Dessa situação frustrante, novas mobilizações emergiriam. A nossa hipótese parte da convicção de que a obra da escritora Lídia Jorge se concentra, muito particularmente, na ficcionalização de problemáticas ligadas aos movimentos migratórios portugueses e africanos durante a (pós) colonização da África. Se tais núcleos temáticos foram abordados de uma perspectiva comparatista, será possível reconhecer em sua narrativa não apenas um olhar sobre as relações entre tipos humanos postos em contato e

1 Trabalho resultado de projeto de pesquisa para Doutorado. Orientador: Prof. Dr. Diego Niemetz. Co-orientador: Prof. Dr. Genivaldo Rodrigues Sobrinho. Ano de ingresso e conclusão do doutorado: 2019-2024.

2 Doutoranda. Universidad Nacional de Cuyo – Mendoza – Argentina. asuarez@ffyl.uncu.edu.ar

definidos através de uma vinculação que parte do colonial (homens e mulheres; militares e colonizados, entre outros); mas também, de problemáticas ocasionadas pelo deslocamento geográfico que a situação colonial produziu, particularmente a dos retornados e/ou refugiados na metrópole. Com base nos pressupostos teóricos de críticos do (pós)colonialismo como Stuart Hall, Frantz Fanon, Eduardo Lourenço e Margarida Ribeiro, entre outros, analisa-se como é a representação dos deslocados.

**Palavras-chave:** Deslocados, Pátria, África, Portugal, Lídia Jorge

## INTRODUÇÃO

A obra da escritora portuguesa Lídia Jorge é muito prolífica. Seu primeiro romance foi publicado em 1980 e a esse seguiram outros onze até o presente, escreveu uma peça de teatro, além de ter publicado ensaios, contos e crônicas. Devido ao tema e ao tratamento estético, seu trabalho tem sido objeto de múltiplas abordagens. Algumas mergulham na vertente histórica e imperialista de Portugal, outras na social, como consequência da ditadura de Salazar e da guerra pela independência das colônias e suas consequências. Somam-se a isso outros escritos que discutem a situação das mulheres portuguesas no século XX. Dentro desta última vertente, o que mais se destaca é a própria experiência da autora na África. Um estudo que aponta para a questão social, e mais especificamente para o feminino na obra, é o escrito de Margarida Calafate Ribeiro (2004) que, partindo das funções femininas durante o confronto bélico colonial, entra nos romances de Lídia Jorge e discute a aceitação do papel das mulheres portuguesas na guerra<sup>3</sup>. Elas foram, de alguma forma, coagidas a acompanhar seus esposos militares à África com o intuito de apagar a imagem beligerante e montar uma representação da normalidade familiar nos países desse continente dominados pelos portugueses.

Trabalhos como a tese de doutorado de Mauro Dunder (2013) destacam aspectos da natureza humana e da vida portuguesa na obra de Jorge, principalmente no que diz respeito aos acontecimentos ocorridos após a Revolução dos Cravos (1974). Segundo o autor, a obra de Lídia Jorge constitui um dos mais importantes panoramas da evolução sociopolítica em Portugal.

No que se refere aos aspectos estéticos, Débora Leite David (2010) também analisa a voz feminina que narra a guerra e as possíveis representações literárias, a partir de “simbolizações de extermínio e ruptura” (2010, p.175) no palco da guerra colonial em Moçambique. Essas ideias podem ser relacionadas com o artigo de Raquel Trentin Oliveira (2004), que também utiliza o conceito de “ruptura” e lê a divisão existente na sociedade lusitana devido à crise de identidade que atinge os portugueses. A

3 Lídia Jorge comenta em uma entrevista que quando chegou a Beira, em Moçambique, um militar fez a seguinte observação: “Só os cartagineses levavam as suas mulheres para a guerra, e agora, os portugueses”. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/1076>.

hipótese de Oliveira é que os lusitanos estariam procurando saber quem eles são e o que resta para eles esperar da Pátria, assim como de si próprios. Aqui caberia acrescentar a questão acerca do lugar onde fica essa Pátria.

Em inúmeros estudos críticos se discute o lugar dos portugueses no mundo, desde o tempo das navegações até os dias atuais, destacando na narrativa contemporânea a presença da “saudade” de uma época áurea de Portugal. Na literatura portuguesa, essa “saudade” não só representará o lamento português pelo fim dos tempos heroicos, mas será também um indício de melancolia por uma Pátria desejada, que fica difícil de localizar no mapa.

Este trabalho visa discutir a representação dos deslocados dessa Pátria idealizada pelos portugueses, assim como também outro tipo de movimentações e deslocamentos humanos nas obras de Lídia Jorge do título deste artigo.

## **BEIRA, ANOS 60 / VALMARES, ANOS 90**

Para falar em deslocamentos, primeiramente, temos que pensar de onde a até onde os grupos humanos vão se dirigir. O espaço abandonado e o destino têm, geralmente, relação com situações de violência ou, ao menos, desconforto. Assim, pode-se analisar, nos dois romances escolhidos, os lugares conflitivos nos que habitam as personagens e, a partir deles, seguir a rota das migrações dentro de um país ou para fora dele.

Em *A costa dos murmúrios*, a história se desenvolve em Beira-Moçambique nos anos 60 do século passado. Em um hotel da cidade, o *Stella Maris*, estão assentados os militares portugueses, que têm como missão afagar as insurreições dos nativos moçambicanos. Na cidade não há confrontos bélicos, eles acontecem no norte do país, principalmente em Cabo Delgado. Portanto, os fatos da guerra vão ser apresentados através da narração das personagens, já que a ação do romance não os acompanha até as zonas do conflito armado. Porém, a guerra não é apenas pano de fundo, ela está presente na exploração e no maltrato aos nativos, no estado de tensão que os militares experimentam e transferem para as famílias que os acompanham, assim como nas injustiças que a mídia cúmplice do sistema oculta. Nesse clima, destaca-se a personagem feminina de Evita, moça que viajou a Moçambique para casar com o noivo-militar. Ela, como muitas mulheres portuguesas, teve de se deslocar para as colônias a formar uma família. Evita viajou na procura do namorado

que tinha despedido em Portugal, mas encontrou-se com um homem mudado. Ela logo percebeu a verdade do que estava acontecendo com os soldados e a guerra, o que transformou a sua perspectiva de europeia branca com direito a ocupar a África.

Em *O vento assobiando nas gruas*, muitos anos após as guerras de independência, os africanos, que deixaram suas nações e emigraram para Portugal, continuaram a serem tratados como ex-colonizados. Situação que muitos suportaram em prol de uma vida melhor na Europa.

Também em *O vento assobiando nas gruas* a personagem principal é uma mulher. Esta

Milene Leandro, uma jovem oligofrênica, que morava com a avó porque perdera os pais em um acidente. Quando a avó faleceu, ela vagou de um lugar para outro e ficou à disposição dos tios, que não sabiam o que fazer com ela. Milene encontrou refúgio afetivo com a família cabo-verdiana dos Mata que morava na fábrica inativa, imóvel alugado pelos Leandro. A jovem se apaixonou pelo africano Antonino Mata e assim demonstrou, como enfatiza Zigmund Bauman, que conviver com o diferente traz crescimento pessoal. Bauman afirma que:

É a tendência a se retirar dos espaços públicos e recolher-se em ilhas de mesmice que com o tempo se transforma no maior obstáculo ao convívio com a diferença - fazendo com que as habilidades do diálogo e da negociação venham a definhir e desaparecer. É a exposição à diferença que com o tempo se torna o principal fator da convivência feliz, fazendo com que as raízes urbanas do medo venham a definhir e desaparecer. (BAUMAN, 2006, p. 103).

O tratamento que os nativos africanos receberam na época colonial continuaria de maneira semelhante, abertamente ou mais velada, na Europa. A família Leandro, branca e europeia, não aceitava a relação de Milene com Antonino, negro e cabo-verdiano. A discriminação racial dos anos 60/70 narrada em *A costa dos murmúrios* continuaria nos anos 80/90 em Portugal.

Como exemplo, a relação entre o alferes Luís Alex e o garçom que atende o bar da praia em Beira apresenta claramente que não se trata de prestação de serviço, mas de servilismo:

Eh! *black!*» — gritou imenso na direcção do bar.

Como se estivesse à espera, um rapaz apareceu munido dum pano, rindo com formidáveis dentes. Aproximou-se, curvou-se e começou a limpar as pernas do noivo cheias

de areia e lodo. Esfregava, esfregava, mas as manchas resistiam e o noivo ria e então, voluntariamente, o *black* foi buscar um recipiente de água e acabou por lhe limpar os pés com um outro pano. (JORGE, 1988, p. 15).

Acabada a guerra e produzida a independência das colônias, a relação desigual entre colonos e colonizados teria continuidade por meio da ação política. Os corpos capturados e escravizados na África permaneceram sujeitos à disposição dos senhores que lhes forneceria moradia e trabalho. Sua condição de colonizados persistiria (CATELLI) em corpos que não conseguiram esconder seu tom de pele, e que, portanto, seriam discriminados, apesar da afirmação de Stuart Hall de que a raça é um fato cultural, histórico e não biológico. (2019, p. 46)

Assim, os imigrantes circulariam pelos espaços da metrópole dando mostras de temor, vergonha e até admiração pela metrópole. Então, pode-se entender quando o narrador enfatiza que “Pelas ruas de Santa Maria de Valmares deambulavam magotes de pessoas estrangeiras, como o olhar vagamente espantado sob as palas dos bonés ...” (JORGE, 2002, p. 19-20).

Entre eles, os membros da família Mata que, ao chegar, foram destinados ao “Bairro dos Espelhos” (JORGE, 2002, p. 40) em Valmares. Um lugar de casas com telhados de zinco que brilhavam ao sol como mercúrio, mas parcialmente cobertos pela poeira levantada por ventos da costa. Tratava-se de partes de espelhos quebrados, uma metáfora dos pedaços rasgados da África, forçada a se deslocar em direção à Europa.

A esse respeito, Edward Said afirma que “ter sido colonizado tornou-se um destino duradouro, mesmo com resultados totalmente injustos após a conquista da independência nacional” (1996, p. 25-26). Assim, a partir das reflexões de Said, podemos dizer que os povos colonizados carregam uma marca de subjugação e que, apesar de terem conquistado a liberdade, continuam inevitavelmente relacionados a seu passado.

## **CORPOS DESLOCADOS ATÉ/DE ÁFRICA**

Se se analisam os problemas de etnia e gênero na África colonial, há um aspecto que se destaca, que é mencionado nos estudos de Margarida Calafate Ribeiro (1998, 2004, 2006). É o espaço que o colonizador (colonos assentados em África e soldados de passagem pela região) deu aos africanos nativos, homens e mulheres, inclusive a suas próprias esposas. A autora lê em certa literatura a denúncia que se faz da “violência e

desumanidade” (2006, p. 45) que o mundo colonial havia gerado. Acerca das mulheres lusitanas em África, Ribeiro afirma que a “Guerra Colonial não criou uma Ilha dos Amores como Camões poeticamente tinha previsto para regenerar os homens da violência que todas as guerras importam”. (2004, p. 20).

Nesta área, percebe-se o papel da mulher na sociedade lusitana, espaço em que apenas os homens têm importância e prestígio. Lídia Jorge dá voz à personagem Eva Lopo para denunciar os maus-tratos infligidos às mulheres e aos africanos por portugueses.

Esses dois grupos, nativos colonizados e mulheres portuguesas no continente africano, têm os “corpos colonizados” (SCHMIDT, p. 801) pelo violento choque produzido pela invasão, conquista e permanência naquele continente. Referimo-nos à ideia de corpo colonial de Frantz Fanon (2009), como aquele constituído pelo colonialismo em seu desenvolvimento. O ensaísta está particularmente interessado em relacionar a retórica que dá nome ao corpo e o que esse corpo experimenta quando é nomeado. Assim como ele estará representando o outro: alguém diferente que será necessário como “suporte para seus anseios e desejos” (2009, p. 150).

A esse respeito, Eduardo Lourenço afirma que “poucos países fabricaram acerca de si mesmos uma imagem tão idílica como Portugal” (1992, p.75). Poderia se concluir que a partir dessa imagem idealizada de si, os portugueses se posicionaram a observar e encalhar os colonizados e, mais tarde, os imigrantes. Lourenço responsabiliza a idealização dessa imagem portuguesa à fragilidade própria de sus conterrâneos e não à suposta superioridade respeito dos outros.

Assim, ao relacionar as representações do colonizador e do colonizado, impõe-se a questão da imagem que ainda hoje persiste da África: a ideia de um continente “descoberto”, como se fosse uma terra perdida nos primórdios da civilização, em plena barbárie e ainda em luta entre o homem e a natureza (SALUM). A distorção da imagem do continente africano afetou também os povos que o habitavam.

O branco, segundo Fanon, está convencido de que o preto é uma besta. São as pessoas que não inventaram a pólvora nem a bússola, que não souberam dominar o vapor ou a eletricidade (2009, p. 120).

Em *A costa dos murmúrios*, esta distorção é confirmada na fala do Comandante da Região Aérea, que qualifica os moçambicanos como seres que “não inventaram a roda, nem a escrita, nem ou cálculo, nem

uma narrativa histórica, e agora tinham-lhes dado umas armas para fazerem uma rebelião”. (JORGE, 1988, p. 13).

A classificação de incivilizados é assumida pelas personagens lusitanas no momento em que, na festa de casamento de Evita com o alferes Luís Alex, ouviram-se barulhos estranhos na rua e olharam para ver o que se passava. Ao descobrir que eram nativos correndo e gritando, tiraram suas próprias conclusões, que demonstram a perspectiva dos portugueses naqueles tempos de guerra:

Deixá-os correr” – disse um tenente que já se tinha desfarzado e estava agora em camisa com o peito descoberto. “São os senas e os changanes esfaqueando-se. Que se esfaqueiem. São menos uns quantos que não vão ter a tentação de fazer aqui o que os macondes estão a fazer em Mueda. Felizmente, que se odeiam mais uns aos outros do que a nós mesmos. Ah! Ah! (JORGE, 1988, p. 17)

Ao concluir, falsamente, que os gritos e incursões se deviam a lutas entre locais, entre etnias inimigas de Moçambique, conformaram-se pensando que ao se matar uns aos outros haveria um menor número de nativos deslocados para atuarem como guerrilheiros no norte, onde se desenvolviam as piores batalhas.

Os nativos que não eram considerados bestas ou guerrilheiros não foram melhor tratados por isso. Mesmo quem trabalhava no serviço doméstico era subestimado como pessoa, formando apenas parte da paisagem. Ao visitar uma residência abandonada por colonos temerosos da desastrosa proximidade da guerra, o capitão Forza Leal ofereceu a Evita e ao alferes ocupá-la. Durante o roteiro e vistoria da casa, foi feita a contagem dos bens abandonados por quem fugira do local: “Havia de facto dois mainatos sentados na sebe, segurando o queixo com a mão” [...] “Dois mainatos, relva, o mar a bater, o bote a motor. “ (JORGE, 1988, p. 77-78).

As empregadas figuram na lista de objetos abandonados e dos quais os recém-casados tinham direito de se apropriar.

## **A MOBILIZAÇÃO DE COLONOS, SOLDADOS E FAMÍLIAS PORTUGUESAS**

O processo imperialista não apenas colonizou os corpos dos povos invadidos, mas também aplicou seu poder sobre a anatomia dos nacionais.



Os dois romances de Lídia Jorge em estudo apresentam, principalmente, a difícil situação de deslocamento das mulheres, diferenciando-as claramente da experiência masculina. Se o homem era compulsivamente levado à guerra nas colônias, a mulher portuguesa foi de alguma forma coagida a acompanhar o marido e assim manter a ideia da união na “casa portuguesa” (RIBEIRO, 2006, p. 43). Além disso, o nomadismo feminino está presente nos repatriados, que retornaram à metrópole antes que seus pares; e nas migrantes africanas que, sem homens, decidiram deixar a África para trás e tentar dar aos seus filhos um futuro melhor na Europa.

A experiência das mulheres portuguesas na guerra e no pós-guerra ficou registada na ficção de escritoras que fizeram parte desse processo e que o narraram na perspectiva da mulher nómade que questiona o comportamento patriarcal. Esse questionamento acontecerá a partir do 25 de abril de 1974, quando a condição da mulher portuguesa pode ser lida nos registros abertos da Agência Geral de Ultramar e das Juntas Provinciais de Povoamento, dentre outras organizações. (RIBEIRO, 2004).

Antes de 1974, havia publicações do Movimento Feminino Nacional, que proclamavam como certa a missão das mulheres-esposas que acompanhavam seus maridos à África. Assim, a emigração de mulheres era estimulada para dar maior estabilidade aos soldados mobilizados pela guerra.

Poucas mulheres viajavam sozinhas; a grande maioria o fazia com os filhos. Essas mulheres pertenciam a todas as classes sociais e vinham de diferentes origens geográficas. Como exemplo, sabemos que:

[...] as mulheres de oficiais viajavam de barco em primeira classe ou de avião na chamada posição “excedentária”, sobretudo a partir de 1967, altura em que a Força Aérea começa a assegurar grande parte dos transportes, enquanto, por exemplo, as mulheres de sargentos viajavam de barco em segunda classe e, no caso de quererem viajar de avião, tinham de pagar a diferença. (RIBEIRO, 2004, p. 15)

Lídia Jorge, que viveu na África nos anos 60/70, define a situação nómade da mulher a partir de sua própria experiência. Em *A costa dos murmúrios*, a autora caracteriza as personagens femininas - esposas de militares - como figuras sem qualquer participação na cena social à que pertenciam, ainda mais quando lemos que elas não sabem o que está acontecendo nas zonas de conflito bélico.

Essas mulheres-esposas não recebiam o mesmo tratamento dos maridos, nem eram respeitadas por eles. Elas eram invisíveis, como estrangeiras e como nômades. Seu trabalho em África consistiu principalmente em se adaptar a qualquer situação: ajudar seus companheiros, cuidar dos feridos, cuidar das crianças e, acima de tudo, representar um papel de normalidade familiar e institucional perante a guerra:

Foi a vez de Helena representar - protestou, não quis, desejava muito ver o que era isso de fazer o gosto ao dedo [...] Via-se perfeitamente que conhecia o conteúdo da serapilheira, mas representava não conhecer - era tudo representado.

Helena de Tróia representou ter medo [...]

[...] Helena de Tróia começou a aproximar-se, como olhar amedrontado, em ziguezague, fingindo ter medo de ver as armas [...] Ela simulou atirar-se ao chão. (JORGE, 1988, p. 50-51).

A representação que faz a personagem Helena, esposa do capitão admirado por jovens militares, é comum a outras portuguesas, cujo nomadismo consiste também em fingir que estão em casa, e não expatriadas e privadas do lugar de origem. Como em alguns momentos de maior tensão, podiam fingir que estavam em um salão a fazer um tratamento de beleza: “Agora representa que mexe, agora representa que aplica, agora representa como a pessoa enquanto aplica uma máscara não se poder rir” (JORGE, 1988, p. 121)

Milene, apesar da sua patologia, era o oposto daquelas portuguesas em África. Foi ela quem conseguiu aceitar e conviver com as diferenças dos imigrantes. No entanto, isso não seria suficiente para que sua família saísse das “ilhas” a que faz referência Bauman (2003, p.103). Milene desobedeceu aos mandatos patriarcais de se relacionar com os depreciativamente chamados “cafrés”. Em contraste, as tias de Milene podem ser equiparadas às esposas dos militares nas colônias por serem submissas e obedientes. Assim, vemos a semelhança em algumas personagens femininas em ambos os romances.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existem dois tópicos que devem ser discutidos em conjunção: invasão/guerra e migração. Embora possa haver movimentos voluntários

para experimentar outras culturas, nos romances de estudo é o produto de um fator traumático.

Nos conflitos de guerra, mesmo que o cidadão não faça parte de nenhum dos lados, nem concorde com os motivos que o motivaram, pode estar sujeito à encruzilhada de fugir ou arriscar a vida. Outro ponto a se levar em conta é o empobrecimento que as guerras produzem nos países, motivo que também expulsa pessoas para regiões menos afetadas ou diretamente fora do foco do conflito em busca de trabalho e assim sobreviver.

No século XXI, não é de estranhar que os colonizados do século anterior, uma vez que seus países declararam a independência e logo iniciara-se uma guerra civil, abandonaram as novas nações e emigraram para as metrópoles que os dominaram por décadas. Um dos motivos pode ser o conhecimento da língua do antigo conquistador. Outro, no caso de Portugal, é que a Península Ibérica é a entrada ao continente europeu pelo Atlântico.

Além disso, deve-se considerar que nem todos os africanos eram abertamente contra o colonizador. Ao longo da história da humanidade, nas diferentes invasões e conquistas de todos os tempos, houve nativos dos lugares invadidos que colaboraram com o dominador, seja por medo ou por conveniência.

Em tempos de guerra e sem muitas possibilidades, alguns moçambicanos trabalharam, no caso de cidades como a Beira, no serviço doméstico e na hotelaria. Os chamados “mainatos” viviam em casas de colonos e soldados ou trabalhavam em restaurantes, bares e outros locais, que os portugueses estivessem ocupando. Apesar de serem desprezados pelos lusitanos, muitos nativos preferiram o servilismo a ter que deixar suas cidades para se mudar às regiões de conflito.

O racismo e o desprezo não acabaram com o fim da guerra ou com a independência das nações subjugadas. A visão de si e do outro viajou com repatriados e imigrantes para a Europa, onde todos foram encontrados em liberdade, porém, uns mais do que outros.

A ocupação das nações africanas, juntamente com o domínio de seus povos e a gestão do ganho produzido com as matérias-primas exploradas não foram suficientes para tornar Portugal um dos países ricos da Europa. Desta situação frustrante emergiram os novos deslocados, tanto africanos como portugueses.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Vida Líquida**. Buenos Aires: Paidós, 2006.

CATELLI, L. Lo colonial en lo presente: modelo para armar. **Boca de Sapo 25**. Era digital, ano XVIII, Dezembro 2017. p. 36-43.

DAVID, D. O desencanto utópico ou o juízo final: um estudo comparado entre **A costa dos murmúrios** de Lídia Jorge, e **Ventos do apocalipse**, de Paulina Chiziane. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2010.

DUNDER, M. **Entre prodígios, murmúrios e soldados: o romance de Lídia Jorge**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2013.

HALL, S. **El triángulo funesto. Raza, etnia, nación**. Madrid: Traficantes de Sueños, 2019.

FANON, F. **Piel negra, máscaras blancas**. Madrid: Akal, 2009.

JORGE, L. **A costa dos murmúrios**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1988.

JORGE, L. **O vento assobiando nas gruas**. 2ª ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.

LOURENÇO, E. **O labirinto da Saudade**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 5ª.ed., 1992.

OLIVEIRA, R.T. Os murmúrios de uma vivência: a desmitificação de uma identidade. Em: **Revista Fragmentum, nº 8**. Laboratório Corpus: UFSM, 2004.

RIBEIRO, M. África no feminino: As mulheres portuguesas e a Guerra Colonial. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. Nº 68: 2004, p. 7-29. Disponível em: [<https://journals.openedition.org/rccs/1076>]. Acesso em: 12 de setembro de 2019.

RIBEIRO, M. As ruínas da casa portuguesa em **Os cus de Judas** e em **O esplendor de Portugal**. Em: SANCHES, M (org.) **Portugal não é um país pequeno**. Contar o 'império na pós-colonialidade. Lisboa: Cotovia, 2006.

RIBEIRO, M. Percursos Africanos: A Guerra Colonial na Literatura Pós-25 de Abril. **Revista Fronteiras** Borders. Portuguese Literary & Cultura Studies. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1998, p. 125-152. Disponível em: [<http://hdl.handle.net/10316/79385>]. Acesso em: 15 de fevereiro de 2020.

SAID. E. Representar al colonizado. Los interlocutores de la antropología. Em: GONZÁLEZ STEPHAN, B. **Cultura y tercer mundo**. Cambios en el saber académico. Caracas: Editorial Nueva sociedad, 1996, p. 23-59.

SALUM, M. **África: culturas e sociedades**. São Paulo, USP, 2005. Disponível [[http://www.arteafricana.usp.br/codigos/textos\\_didaticos/002/africa\\_culturas\\_e\\_sociedades.html](http://www.arteafricana.usp.br/codigos/textos_didaticos/002/africa_culturas_e_sociedades.html)]. Acesso em 13 de março de 2020.

SCHMIDT, S. Cravo, canela, bala e favela. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis: Universidad Federal de Santa Catarina, setembro-dezembro 2009, p. 799-817.